

SECCIÓN LITERARIA

Autora: Ma. Fernanda Justo Hernández



[Diseños a pincel](#)



[fer_poetiza](#)

Revista Latinoamericana de Estudiantes de Geografía

ISSN: 0718-770X · No. 9 · Diciembre 2022

<http://releg.org/>

Pobreza menstrual: a pobreza do pobre com útero

Isabela Aparecida Lima Mariano

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Geografia, BRAZIL

marianoisabela@estudante.ufscar.br

isa.limariano@gmail.com

Recibido: 06/07/2022. Aprobado: 11/07/2022. Publicado (en línea): 31/12/2022.

Miolo de pão. Jornal. Tecido velho. Papel higiênico. Parece estranho, são coisas completamente diferentes, mas eu acabo usando para a mesma coisa quando falta. Esse mês não ia ser diferente, sorte que a Maria tinha uns pra me emprestar que a filha dela conseguiu na escola. Eu tenho pavor só de pensar que está chegando e ainda falta um pouco pra acabar de vez. Todo mês a mesma história.

E pra completar, segunda, minha menina acordou mocinha e eu não sabia o que fazer, ela é tão novinha, tem só 11 e já vai passar por esses momentos inseguros para nós. Quem vive segregado não costuma ser notado ou lembrado. Desde que eu virei mocinha é tão difícil comprar absorventes, comecei muito nova a usar outras coisas, porque aqui o dinheiro é pouco e absorvente é caro, tive que faltar da escola e até da igreja por não ter o que usar e acabar sujando minhas roupas.

Quando vi minha menina daquele jeito, desejei pela minha vida que a história dela fosse diferente, que ela não tivesse vergonha de ter um útero e conseguisse falar “eu menstruo”, sem corar. Ela já aprendeu algumas coisas desse tipo na escola e vem me contar. Ela disse que lá eles estão falando de distribuir kits para todas as pessoas com útero e que eles não demonizam o período menstrual. Ela me ensina tanto e me faz pensar sobre o ódio que eu criei do meu corpo e do meu útero por não ter dinheiro pra comprar o que precisava. Ela falou que o nome do que eu vivi é pobreza menstrual, mas que tem muita gente tentando mudar isso. Agora as mulheres e pessoas com útero querem falar, querem gritar e querem ser ouvidas, por mais que a voz saia tremida.

De toda vergonha semeada diante de algo natural, humano e normal, muitas pessoas, como eu, que não tiveram o mínimo durante uma semana, que não tiveram o direito a dignidade e a saúde, que tiveram suas necessidades básicas negadas e precarizadas, projetos onde minha menina possa amar e respeitar seu corpo, entender o que está acontecendo e ensinar para outras pessoas, além de conseguir viver dignamente me dão esperanças de uma vida melhor. Mas ainda tem gente tentando privar isso da gente. Gente que nem entende.

